

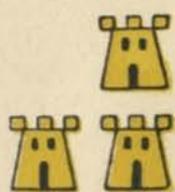
Annibal Soares



Chronica

do

Exilio



PARIS

EMPRESA EDITORA

“CHRONICA DO EXILIO”

Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empreza Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Laffitte, PARIS

Telephone : 324-26

PREÇO DA ASSIGNATURA (Franco de porte) Pagamento adiantado	Anno	Fr. 14
	Semestre	— 7.50
	Numero avulso	— 0.30

SUMMARIO :

Onde se prova que, se a Republica é inseparavel da demagogia, o snr. Affonso Costa não o é menos.

Affonso, o Zaragateiro.

Os "sobrios" em calças pardas. A Restauração monarchica, ultimo refugio... dos republicanos.

O snr. Affonso Costa, o charlatão e o burro.

ACCOMMODADO o publico em fim nos seus logares, todo olhos e ouvidos para o estravagante espectaculo que o *ministerio carbonario* vae dar ao paiz e ao mundo — e que a CHRONICA, *bonisseur* espontaneo e desinteressado, não se cansa d'encarecer — não falta quem pelas bancadas manifeste o receio d'uma decepção, admittindo a hypothese de que o snr. Affonso Costa, com as seis derreadas *pilecas* que o reforçam, faça um governo d'ordem, mesmo um tudo nada conservador, mantendo a auctoridade, assegurando um minimo de disciplina, impedindo a tyrannia da rua — em resumo um governo como os que se fazem em qualquer outro paiz, banal e semsaborão, que não valeria evidentemente o preço fabuloso que nos vae custar o ingresso d'aquelle desenganado aventureiro na Presidencia do Conselho... e no ministerio das Finanças.

Creio, sinceramente, que não ha apprehensão menos apoiada em fundamento serio. Quem a formúla não conhece exactamente nem as condições da Republica, nem a psychologia do individuo a quem coube em sorte liquidar esse regimen d'ignominias ; psychologia que embora constituindo evidentemente um caso

mórbido, é dentro d'esta categoria um exemplo dos mais corriqueiros, dos mais destituídos de segredos e d'obscuridades.

Em primeiro lugar, um governo d'auctoridade é impossivel dentro da Republica. Demos de barato — por hypothese e por um momento — que a anarchia em que o regimen se estorce sem cessar, desde a sua primeira hora, não tivésse uma razão de ser intrinsecca e essencial, que é a inadaptabilidade dos volúveis, impulsivos e imaginosos povos da Peninsula aos systemas nimiamente democraticos — dos quaes esta Republica tem todos os excessos e todos os inconvenientes sem possuir, nem para a collectividade nem para qualquer classe em especial, nenhuma das suas mais ou menos illusorias vantagens. Ainda mesmo assim, a permanente desordem em que vivemos ha para cima de dois annos conservaria outras causas não menos profundas, não menos inherentes ao regimen e portanto não menos insanaveis dentro d'elle.

Uma é o divorcio completo entre a Republica e o paiz, que a olha de soslaio e hostilmente, recordando as dôres, as affrontas e os damnos que tem soffrido, e convicto de que a incompetencia, a cupidez, a immoralidade e a indole aberrativamente perversa dos dirigentes republicanos e da fauna especial que os acaudilha e applaude constituem modos de ser que não se mudam com programmas governativos e com artificiosas evoluções da *esquerda* para a *direita*.

O paiz, com aquelle medio bom-senso que supprime nos povos a intuição do genio, adivinha, comprehende, sente que a Republica, inspirada em taes vicios, não pode senão conduzir-o a uma catastrophe temerosa ; e por isso deixa o regimen de cada vez mais abandonado ás turbas desvairadas que o teem feito tal como é e lhe imprimiram o seu definitivo character — o que importa dizer, deixa os governantes prisioneiros, sem remissão, da demagogia que lhes impõe a conducta e lhes dita as leis. Não se faz um governo d'auctoridade quando se tem d'um lado como *povo* como *eleitores*, como *mandantes* — e, se fôr preciso

como juizes e executores d'alta justiça — uns tantos milhares d'energumenos, e do outro lado o vácuo.

Além d'isso, para se impôr a ordem n'um paiz indisciplinado e anarchisado, são indispensaveis factores materiaes e factores moraes que o regimen não possúe.

Onde está a força armada, em que pudesse appoiar-se em Portugal um governante republicano, decidido a restabalecer o imperio das leis, a reprimir os excessos da canalha, a fazer respeitar *por todos* a liberdade e os direitos de cada um dos cidadãos?

No exercito ha as espadas monarchicas, que não se poem ao serviço d'uma pretendida « consolidação da Republica » e que, se um dia fôrem chamadas pelos governantes a manter a ordem, aproveitarão sem duvida o ensejo para a assentarem em bases mais seguras e definitivas ; e ha os elementos affectos á demagogia, ingressados n'ella ou provindos d'ella.

Estes são — para o snr. Affonso Costa não mais do que para os seus émulos — os agentes eventuaes de golpes d'Estado, politicastros á mercê d'um ou outro chefe de partido, mesmo d'um ou outro orador secundario ou *meneur* subalterno, e em todo o caso e acima de tudo *heroes da rua*, feitos por ella e feitos com ella, no genero d'aquelle famoso tenente Santos de quem o seu commandante pretendeu em vão, não ha muitas semanas, o desempenho d'um simples serviço de policiamento...

Por outro lado, eu não sou dos que parecem entender que a reduccão dos elementos subversivos da nossa sociedade á obediencia das leis, tendo que operar-se pela força, exigiria, ou um impossivel fuzilamento em massa d'alguns milhares de discolos, ou pelo menos a acção de presença d'um exercito numeroso e disciplinado que não possuímos — e que d'ahi tiram motivos para desesperar da salvacão do paiz á custa das energias nacionaes.

Esquecem, os que pensam assim, os factores psychologicos — como, por exemplo a acção depressiva, paralyante, exercida no animo dos vencidos pelo

proprio sentimento da derrota — e que collaboram mais do que os agentes materiaes na pacificação que se segue a uma lucta.

No termo d'uma batalha, um exercito em cujo espirito entrou a convicção de que está vencido entrega-se sem outras velleidades de resistencia ao inimigo, que muitas vezes não é sequer mais numeroso ; e todavia, os meios de combate de que dispõe ainda um exercito assim submettido são por certo mais valiosos e temiveis do que aquelles que possúe a nossa matulagem demagogica, carbonaria ou não — cujas audacias não duram, de resto, senão emquanto lhe durar a commoda certeza da impunidade, em que tem vivido.

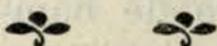
Toda essa chusma de *traga-moiros* — d'alto a baixo — que ha dois annos tem o paiz sob o dominio do terror mais execravel e vexatorio, porque é o terror exercido pela população habitual dos presidios communs — tudo se sóme ou entra na ordem como por encanto, na hora em que a contra-revolução acclamar a Monarchia em Lisboa ; não ficando mais do que a possibilidade de factos isolados, d'attentados individuaes, com que todos os governos de todos os paizes teem que contar na epoca presente. Mas para que essa tal acalmção se produza é necessario que a demagogia se sinta effectivamente derrotada, cohibida por um poder temido e alheio a ella.

Ora a demagogia tem affinidades demasiadas com qualquer dos cabecilhas republicanos para poder temel-os, ou leval-os a serio como inimigos. De resto, atacada por um, a demagogia leval-o-ia depressa de vencida, appoiando-se nos restantes.

No dia em que o snr. Affonso Costa investisse com a canalha, esta iria precipitar-se no abandonado arraial do snr. Antonio J. d'Almeida, que lhe chamava um doce, ou no do snr. Camacho, que se lambia com ella, e a situação do regimen não se modificava senão por passar qualquer d'estes caudilhos a desfructar na politica revolucionaria as honras e os proveitos de *Pombal humanitario do seculo XX*, revertendo para o actual ministro das Finanças a pacata situação *d'oppo-*

sicionista sobrio, ou a de *José Luciano da Republica...* com todos os córtes e attenuações que simplificaram este papel, desde que foi preciso adaptal-o ao scenario do Calhariz e ás faculdades artisticas do *pae nobre* de feira que ali se exhibe.

Só a Restauração monarchica entrará no paiz com força material e moral para pôr termo a um estado de indisciplina que nasceu com a Republica, que vive d'ella, que é por outro lado uma condição da sua existencia, e que não pode morrer senão com ella.



Admittir pois a eventualidade de se realisar n'aquella Republica, com aquelle *povo republicano* e aquelles dirigentes, um governo normal e ordeiro, é o mesmo que imaginar que os doidos d'um manicomio, tendo tomado conta do estabelecimento, se concertem uns com os outros, e sob a direcção d'um louco-mór comecem realmente a administral-o de maneira exemplar.

Mas o absurdo dos absurdos é acreditar n'uma Republica conservadora, affeiçãoada e dirigida pelo snr. Affonso Costa !...

O snr. Affonso Costa é incapaz de dirigir seja o que fôr, sem dar com as ventas n'um sedeiro á primeira galopada. Mas sobretudo é incapaz de fazer um governo conservador.

Presente porventura esse energumeno a inexequibilidade da politica jacobina no paiz? Nada nos auctotisa a suppol-o — nem os seus programmas, se assim se pódem chamar as descosidas e arquejantes brutalidades que elle costuma regougar pelas reuniões publicas, nem a linguagem dos seus escribas, nem as ameaças dos seus *facas de matto*, nem a sua recente declaração ministerial.

Concedamos porém que a este desgrenhado tribuno da canalha se lhe mettia em cabeça jogar na politica conservadora... Não é conservador quem o quer ser.

Os impulsivos, os desatinados, os destrambelhados, os sectarios estreitos e ferozes, não vêem senão para um lado, e não vão senão para os extremos. Este tratante, se descobrisse algum interesse pessoal em se tornar ultramontano, mettia-se d'um momento para o outro na mentalidade d'um jacobino reaccionario, e exercia o terror *branco* com a mesma volupia, a mesma delicia e o mesmo entusiasmo com que tem exercido até aqui o *terror vermelho*.

Isso sim. Mas a politica conservadora demanda um equilibrado conjuncto de bom-senso, de tolerancia, de ponderação, de bonhomia sem exclusão da firmeza, uma largueza de vistas para o passado e para o futuro, um respeito pelas liberdades, pelas opiniões e pelos direitos de *todos* e de *cada* um, uma decisão de os fazer manter e respeitar aos outros, uma habilidade, uma subtileza, uma prudencia, uma ductilidade d'intelligencia, um poder d'adaptação ás circumstancias de cada facto e de cada momento — que formam precisamente (como diria o senador Nunes da Matta) o *antipoda politico* do actual ministro das Finanças.

Podem-se modificar *ideias*, e podem-se modificar *processos*, no limite em que são ditados por aquellas. Mas a politica do snr. Affonso Costa não é uma politica d'ideias, é a explosão d'um temperamento ao serviço d'uma inconsciencia.

O snr. Affonso Costa é uma zaragata. O seu governo não pode ser senão zaragateiro ; e a sua curta historia já o confirma.

O que é a composição do seu ministerio de carbonarios e de *jovens-turcos*, senão uma zaragata, uma provocação ao paiz e á Europa — tão farta como aquelle dos excessos jacobinos e importunos d'essa republicueta d'opera-buffa — e uma provocação até mesmo a outros republicanos, com a entrada do snr. Rodrigo Rodrigues e do snr. Freitas Ribeiro no elenco d'essa dezazada *troupe*?

O que é o phantastico orçamento, com os cinco mil contos d'economia em cinco dias, senão outra zaragata — uma tentativa de mystificação grosseira

e inepta, porque cae ao peso de seu proprio excesso, e, assim, inutilmente aggressiva para todos os governos e principalmente para todos os ministros das Finanças que se teem succedido na Republica?

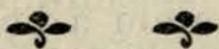
E as pimponices do discurso com que o apresentou?

E a manifestação effectuada nas galerias da Camara contra uns pobres diabos d'*opposionistas sobrios*, que não tinham dito *chus* nem *bus*, e que não pretendem senão que os deixem em paz com os seus tres mil e tanto de jorna e as costellas inteiras?

Então este homem, se tivesse cinco-réis de senso commum, precisava promover tal espectáculo, humilhar e vexar sem quê nem para quê adversarios que ainda lhe não fizeram mal, nem provavelmente lh'o farão senão assim picados e irritados?

E então é isto o « homem d'Estado » que vae fazer a politica moderada, a politica conservadora, a politica conciliadora?

Continúo a ficar por elle. Maior chorrilho de despau-terios do que aquelle que se vae vêr em Portugal, nunca veiu a este mundo. Nem nos tempos do governo provisorio — porque então os actuautes até certo ponto se neutralisavam uns aos outros, como um jogo de forças asnicas que se não eram iguaes, eram quasi todas oppostas entre si...



Os “ sobrios ” O caso do *orçamento milagroso* e das scenas que acompanharam a sua apresentação no parlamento, se por um lado dá a medida da impudencia, da fanfarronice e da *necessidade d'irritar* que caracterizam o snr. Affonso Costa — incapacitando-o portanto de fazer um governo normal e estavel — por outro lado tambem nos edifica definitivamente a respeito do valor politico e da coragem que lhe oppoem os seus adversarios n'esta *lucla de morte* agora travada, emfim, entre as facçõessecas jacobinas.

Sempre a CHRONICA disse, e antes da CHRONICA

muito boa gente, que os rompantes e as filaucias da irrequieta minoria republicana, que anda ha dois annos tyrannizando e terrorizando impunemente um paiz inteiro, vinham menos da sua mesma ousadia do que da apathica submissão d'uma nacionalidade resignada, até agora, a acceitar sem resistencia as mais degradantes escravidões. Pela parte dos bandos demagogicos, caprichosamente denominados « evolucionistas » e « unionistas », ahi está provado pelos factos que as farroncas proprias acabam... onde começa a farronca alheia. Por seu turno, o snr. Affonso Costa e a matulagem que o acompanha ameaçando engulir a terra, o mar e os ceus, recolher-se-hão ao mesmo embuchado mutismo dos impagaveis *sobrios* de agora, no dia não longinquo em que... *outro poder mais alto se alevante!*...

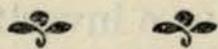
Este snr. Antonio J. d'Almeida, desafiado, amesquinhado, espesinhado sem razão nem pretexto, n'essa memoravel sessão d'apresentação do orçamento, pelo estouvado gaiato que preside ao ministerio, increpado e vituperado pelas galerias com toda a sua conrobia, e tudo ouvindo e acceitando « sobriamente » n'um silencio pávido, acabrunhado, transido — é aquelle mesmo Jupiter... *tunante* que, quando não tinha quem lhe batesse e pé, incitava como ministro a soldadesca, em plena formatura, a fusilar os officiaes *suspeitos*, ou ensinava os futuros *heroes de Chaves* (que aproveitaram a lição) a dar *fogo, balas, agua-raz* e *chumbo derretido* aos vencidos que pedissem piedade, aos feridos, aos moribundos que implorassem uma gota d'agua para acalmar a sua sêde febril...

Este snr. Camacho, este... *José Luciano da Republica*, este... *arbitro* da vida de governos que, para melhor marcarem o desprezo em que o teem, a elle e ao seu *poder arbitral*, o mandam cobrir dos mais desbocados improperios, das injurias mais soezes, das ameaças mais violentas e mais directas por parte dos seus infimos escribas, no preciso momento em que elle quer dar-se ares de ter na mão o *fiel da balança ministerial* — e que tudo isto supporta com resignação evangelica, encolhido de susto, remoendo apenas no

seu jornal umas vagas considerações mais ou menos philosophicas... mas pondo para ali, na Camara, os votos que o outro lhe exige de pistola ao peito — este snr. Camacho é aquelle mesmo *valiente* cujo fervoroso applauso nunca faltou a todas as leis d'exceptão as mais oppressivas, as mais odiosas, as mais iniquas e crueis, mesmo quando acontece não serem da iniciativa da sua purria partidaria, e cujo bom humor se exercita quasi quotidianamente em saraivadas de sarcasmos e *ditos agudos* lançados... para dentro das ferrolhadas prisões, ou para o lado de cá da fronteira, sobre quantos elle sabe impedidos, por agora, de lhe tomarem contas ao corpo das demasias do espirito.

Postos em frente d'um inimigo farçola, em hora que é decisiva para elles — *e não só para a sua vida politica* — estes *revolucionarios* de hontem, estes homens de barricada, acaudilhados cada um por sua hoste, não arriscam um gesto de resistencia : correm a refugiar-se por detraz da porta da *sobriedade*, e ahi mesmo irá procural-os, para os esmagar, o adversario, porque este tambem não é dos que se deteem emquanto não encontra pela frente um punho fechado, que lhe dê o sentimento vivo de que corre perigo.

De modo que a nós, monarchicos, prepara-se-nos um momento de deliciosa vingança : o momento em que o snr. Antonio J. d'Almeida, o snr. Brito Camacho e com elles a maioria dos republicanos hão de suspirar, declarada ou intimamente, pela restauração da Monarchia, como unica solução capaz de lhes assegurar — á falta d'uma hegemonia politica *que já perderam para sempre* — ao menos a vida, a liberdade... e o direito, tão grato aos portuguezes, de dizer mal do governo...



A fabula do charlatão A ideia que por seu turno teve o snr. Affonso Costa, de reduzir o *deficit*, de cinco a tres mil e tantos contos dentro do praso de cinco dias, é bem o reflexo da falta de seriedade e d'escrupulos, de respeito pela opinião

publica e por si mesmo, que inspira toda a politica d'esse despuorado aventureiro. Mas ao mesmo tempo é uma nova revelação da sua cabal carencia de tino — isto é, da sua incapacidade governativa — porque uma pessôa que tivesse os miolos completos e no seu logar logo via que a disparatada mystificação era maior de marca para lograr exito, n'um meio de mais a mais desconfiado das *fraudes orçamentaes*... tão accusadas outr'ora por estes mesmos pantomimeiros !

Só o que não se comprehende é que o snr. Affonso Costa tenha hesitado em extinguir o *deficit* totalmente. Se tudo foi orçamentado a seu capricho e para não passar do papel, porque demonio é que o *imposto dos cereaes* não havia de ser computado em mais umas centenas de contos, as *economias effectivas* igualmente, os *augmentos de receita* carregados com o que faltasse — e era un vez un *deficit*... até se verificarem as contas no fim do anno economico?...

Para o snr. Affonso Costa, o *deficit* é como o catholicismo — ambos se espatifam e aniquillam, enchendo de garatujas algumas folhas de papel. E para um e outro, os decretos d'aquelle Attila do papel almasso surtirão identico effeito. O sentimento catholico em Portugal rejuvenesceu-se, desde que o snr. Affonso Costa o *aboliu* por lei ; o *deficit* tambem, quando chegar occasião de se encerrarem as contas, ha-de estar se Deus quizer bem mais gordinho, e passar muito melhor na sua importante saude.

Mas n'essa altura...

Não se recorda o leitor da *fabula do charlatão*, que o amavel La Fontaine foi buscar a mais remotas idades?]

Encarecia um charlatão quotidianamente 'na praça publica os seus proprios e inverificados meritos como professor d'eloquencia ; tanto e com tamanho ardor que certa vez, no entusiasmo da arenga, foi ao extremo d'affirmar aos circumstantes que se lhe trouxessem propriamente um jumento, elle se compromettia a fazel-o falar como o mais verboso e persuasivo dos oradores que o povo acclamava.

Chegou aos ouvidos do rei a ousada gabarolice, e como já n'esse tempo, ao que parece, os reis e os charlatães não se entendiam entre si, resolveu aquelle monarcha libertar o seu reino do parlapatão, fazendo-o morrer pela bocca. Mandou-o chamar a palacio, e disse-lhe : — Tenho nas minhas cavallariças um gerico, que em intelligencia e circumspecção leva a palma a muitos homens famosos d'esta terra. Tu ensinas-lhe a arte da eloquencia?

— « Ponho-o, meu Senhor, a discursar que nem o Nunes da Matta, e a fazer leis para o vosso Estado, que nem o proprio Estevam de Vasconcellos! » — replicou o intrujão sem hesitar. — Pois tens para isso dez annos — tornou o complacente rei. — E se ao cabo d'este praso não cumpres a tua promessa, podes considerar-te enforcado na torre mais alta do castello.

Foi-se embora o charlatão muito senhor de si, e com o habitual desembaraço continuou perorando na praça da cidade, perante os infalliveis basbaques ; emquanto os seus inimigos (que eram os *sobrios* d'esse tempo) intima e tranquillamente antegosavam o prazer cruel de o verem... dez annos depois, pendurado pelo pescoço no mais elevado pinaculo dos paços reaes...

Até que um dia emfim, como uma pessoa mais affecta lhe estranhasse tamanha despreocupação d'espírito ante tão negra perspectiva, abriu-se o charlatão, revelando-lhe o segredo da sua serenidade :

— Homem, isso é que não me afflige! explicou elle, em verso, como convem ao genero — Dez annos é longo praso para a vida de tres entes. E até que os dez annos se cumpram,

Morro eu, morre o rei, ou morre o burro...

O snr. Affonso Costa, n'esta questão do orçamento, pensa como o seu predecessor da velha fabula.

O *orçamento milagroso* só entra em vigor no meado d'este anno, e abrange até o meado do que vem. Aqui tem já elle ganho um anno e meio. Mais seis mezes

para se apurarem as contas, faz dois annos volvidos antes que a sua monstruosa e grosseira fraude orçamental appareça documentada e comprovada. Ora dois annos para este regimen e para a sua vulcanica vida politica, valem por uma eternidade.

D'aqui até lá acaba o snr. Affonso Costa, acaba a Republica, ou acaba o paiz.

E o mais certo é acabar tudo junto, ficando apenas projectada na Historia, como lembrança e symbolo — a sombra do burro.

ANNIBAL SOARES.

